

CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKY PARA O ESTUDO DAS EMOÇÕES

Um diálogo entre a Psicologia e a Linguística Aplicada

Diego Candido Abreu¹

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é iluminar as contribuições do pensamento de Vygotsky para a pesquisa das emoções no terreno teórico dos Estudos do Discurso, mais precisamente, no campo da Linguística Aplicada. Para tanto, esmiúço alguns dos conceitos e reflexões fulcrais do edifício vygotkiano. Nesse sentido, discuto o caráter sócio-histórico da mediação para Vygotsky, relacionando o papel mediador da linguagem na instituição das funções mentais superiores. Da mesma forma, me inclino sobre as bases da teoria das emoções vygotkianas que, apesar de inacabada, nos oferece insumos preciosos para uma reflexão mais consistente sobre o tema dos afetos. No seio dessa empreitada investigativa, apresento algumas ideias pouco exploradas do pensamento de Vygotsky, me debruçando sobre os conceitos de significado e sentido e a complexa dinâmica da experiência emocional denominada pelo autor de *Perezhivanie*. Por fim, proponho alguns pontos de diálogo das pesquisas realizadas contemporaneamente no solo da Linguística Aplicada com a teoria vygotkiana.

Palavras-chave: linguística aplicada. psicologia sociocultural. Vygotsky. *Perezhivanie*.

ABSTRACT

The objective of this work is to illuminate the contributions of Vygotsky to the research of emotions in the theoretical terrain of discourse studies, more specifically Applied Linguistics. For this purpose, I break down some of the core concepts and reflections of Vygotsky's theoretical building. In this sense, I discuss the social and historical vein of the mediation for Vygotsky, relating the mediating role of the language to the institution of the higher mental functions. In the same manner, I lean towards the ground of Vygotsky's theory of emotions, which, though not finished, offers us precious resources to a more consistent reflection about the issue of the affects. In the bosom of this investigative work, some almost unexplored ideas of Vygotsky's thought are presented such as the concepts of meaning and sense and the complex dynamics of emotional experience denominated *Perezhivanie* by the author. Finally, some dialogue points between the research made contemporaneously in the field of Applied Linguistics and Vygotsky's theory are proposed.

Key words: applied linguistics. sociocultural psychology. Vygotsky. *Perezhivanie*.

Introdução

Contemporaneamente, podemos observar um crescente interesse pelo estudo das emoções em diferentes áreas do conhecimento humano. Atravessando diversos polos de investigação, o desejo de compreender a relevância e a dinâmica dos processos afetivos em diferentes campos da vida humana parece representar uma esfinge comum a uma série de pesquisadores. Naturalmente, precisamos estar atentos ao fenômeno do modismo acadêmico (RAJAGOPALAN, 2013), que denuncia a efemeridade de certos consensos construídos no ambiente acadêmico. Nesse sentido, um dos objetivos centrais do presente artigo é ressaltar que os estudos sobre os componentes afetivos da vida humana devem configurar uma pauta perene de pesquisa, não apenas uma moda passageira.

¹ Mestrando em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio.

No campo da Linguística Aplicada e dos Estudos da Linguagem, a situação não tem sido diferente. Efervescem, em artigos, livros e apresentações em eventos voltados para pesquisadores da área, trabalhos direcionados à questão dos afetos nos mais distintos contextos (COELHO; BARCELOS, 2016; SILVA; BARBOSA, 2016; BARBOSA; BEDRAN, 2016). Esses trabalhos marcam duas características marcantes das pesquisas em Linguística Aplicada, especialmente no Brasil: um afã inter/transdisciplinar que imbui uma Linguística Aplicada mestiça (MOITA LOPES, 2006) e uma preocupação com as idiossincrasias, particularidades e situacionalidades do processo de produção do conhecimento (MOITA LOPES, 2013). Acerca da sua natureza interdisciplinar, a Linguística Aplicada pode oferecer generosas contribuições ao estudo das emoções, permitindo a construção de novas perspectivas, especialmente, no que tange ao papel dos elementos discursivos na construção dos afetos. Considerando o caráter fechado da psicologia naturalista (RATNER, 1989), que tradicionalmente tomou para si a tarefa de versar sobre as emoções, a abertura de novas veredas para pensar essa questão pode se configurar em uma oportunidade de imensa proficuidade. No que se refere ao apreço da Linguística Aplicada pelo singular e contextualizado, a psicologia pode se valer dos ferramentais teórico-analíticos desenvolvidos pelos diversos campos dos Estudos da Linguagem, dessa forma, aproximando as investigações sobre a psique e a subjetividade da realidade da vida humana.

Visando oferecer insumos para a construção desse diálogo, no presente artigo, me ancoro na rica e ainda insuficientemente explorada obra de Vygotsky. Tomada por uma certa aura de nebulosidade, os trabalhos de Vygotsky foram relegados ao ostracismo fora da União Soviética até meados da década de 1960. A escolha pela obra de Vygotsky como fomentadora de um diálogo transdisciplinar entre a Linguística Aplicada e a Psicologia, tendo como centro de gravidade a investigação sobre os afetos, justifica-se pela centralidade atribuída pelo autor à linguagem como elemento basilar do desenvolvimento humano. Da mesma forma, Vygotsky reservou para as emoções² um lugar especial em meio às demais funções mentais, entendendo a emocionalidade como a força motriz e direcionadora da ação do sujeito no mundo.

Considerando a fundação dialética e complexa do pensamento vygotskiano, se torna impossível apresentar a reflexão do autor acerca das emoções sem se debruçar sobre outros

² Vygotsky, como sugerem Holodynski (2013) e Magiolino (2010), parece utilizar os termos afeto, sentimento e emoção de forma intercambiável. Portanto, no presente artigo não proporemos nenhuma diferenciação entre os termos. No entanto, as correntes socioconstrutivistas e transculturalistas, se debruçaram sobre essa lacuna do pensamento vygotskiano e construíram explicações sistematizadas acerca das diferenças entre cada um dos termos. Para uma explicação detalhada, consultar Holodynski (2013), Mesquita (2012) e Magiolino (2010).

temas como o desenvolvimento, a estrutura das funções mentais superiores, a mediação e a construção da subjetividade humana. Ademais, uma separação completa dessas instâncias também se torna impraticável, já que na perspectiva de Vygotsky, toda a estrutura da mente humana se constitui de forma entrelaçada e inter-relacionada através de conexões e tangências complexas. Dessa forma, apesar de (por razões expositivas) propor o seccionamento temático do presente trabalho, tatearei de forma recorrente - e, em alguns momentos, circular - questões centrais para a construção do entendimento vygotskiano sobre as emoções.

Assim, o presente trabalho será estruturado em sete partes. Sucedendo essa seção introdutória, a questão da linguagem será abordada sob a ótica vygotskiana. Na terceira parte deste trabalho, me debruço sobre as categorias de significado e sentido em seu diálogo com a subjetividade do indivíduo. Na quarta seção, olho para a constituição e estrutura das funções mentais superiores. Em seguida, direciono o foco para a teoria das emoções desenvolvida, em parte, por Vygotsky e retomada por outros autores alicerçados sobre o olhar vygotskiano. Na sexta seção, investigaremos o conceito de *Perezhivanie*, essencial, não apenas para a compreensão da obra de Vygotsky, mas na construção de veredas para pensarmos contemporaneamente as emoções a partir de diferentes miradas. Finalmente, concluo esse trabalho, apresentando algumas reflexões e considerações derradeiras que, naturalmente, não ambicionarão dar conta de toda a discussão sobre o tema, mas, pelo contrário, ressaltarão o longo caminho ainda a ser percorrido.

O papel da linguagem na obra de Vygotsky

Não seria exagero especular que a psicologia de Vygotsky é, além de uma das mais prestigiadas, aquela que mais desperta interesse e constrói diálogos com o campo dos estudos do discurso. Essa inclinação para o pensamento do autor se justifica pelo próprio estatuto privilegiado conferido por ele à linguagem na construção de sua teoria. O termo *palavra* recorre em seus textos, porém, como observa Robbins (2001, p. 45) “a palavra significativa é sempre compreendida contextualmente por Vygotsky, nunca por si, e há uma hipótese de que muitos dos seus pensamentos sobre a palavra foram escritos de forma metafórica³”. Pautados nessa observação da autora e ancorados num olhar holístico do pensamento vygotskiano, podemos especular que o significado pretendido por Vygotsky ao utilizar o termo *palavra* se aproximaria do conceito de enunciado de Bakhtin (2003) – um recorte de discurso inerente a

³ the meaningful *word* is always understood contextually by Vygotsky, never on its own, and it is hypothesized that many of his thoughts on *word* were written from a metaphorical stance.

uma prática social e dialeticamente interligado em uma teia de outras redes de enunciados – dentro do qual, semioticamente, a palavra representaria apenas uma unidade mínima de análise, porém, não a única possível ou a mais importante.

A palavra (o enunciado) é ontologicamente histórica(o), dialógica(o) e complexa(o). Porém, essa dialogicidade não se constitui apenas na esfera interpessoal externa ao indivíduo, mas também ganha cores e contornos na convergência dialética das nossas funções mentais: a mesma(o) palavra (enunciado) desperta emoções contraditórias, incita a imaginação por caminhos errantes, colore com novos matizes velhas memórias e faz o pensamento solfejar em sua órbita, enquanto, num circuito de complexos, constitui continuamente “o microcosmos da consciência humana”. (MANGIOLINO, 2010, p. 1).

Ancorados na visão da *palavra* como mediadora dos encontros entre o indivíduo e realidade social que o envolve, a relação entre a linguagem e nossas funções mentais torna-se invariavelmente mais complexa e capilarizada. Além de apenas expressar emoções ou pensamentos existentes a priori, a linguagem oferece insumos para o seu desenvolvimento e sua organização, atuando como o fio condutor que media e conecta dialeticamente o plano fisiológico ao psicológico e, conseqüentemente, ambos ao plano ao sócio-histórico. Exemplos representativos do entrelaçamento entre a linguagem, as funções mentais intrapessoais e a dinâmica sócio-cultural da vida são trazidos por Ratner (1991, p. 78). O autor apresenta uma série de estudos de natureza antropológica (SOLOMON, 1984; ARMON-JONES, 1986) que registram a inexistência de determinadas palavras em línguas de comunidades autóctones que, na língua inglesa, dão nome a certas emoções. Esses estudos sugerem, a partir de suas observações e relatos etnográficos, que a ausência dessas palavras estaria relacionada à inexistência dos próprios afetos correlatos.

Apesar da centralidade conferida à linguagem no desenvolvimento do indivíduo enquanto ser histórico, Vygotsky não negou a existência de certos constrangimentos inatos na constituição das nossas funções mentais. Acerca do infante, ainda no momento de seu nascimento, podemos notar a existência de pensamento, porém, de caráter instintivo e vinculado intimamente à realidade do seu meio imediato (MESQUITA, 2012). É justamente através do encontro com a linguagem que a criança atravessa o limiar do imediatismo psicológico e mergulha na correnteza histórico-cultural que erigirá sua (inter-)subjetividade. Ancorado nesse entendimento que Vygotsky afirma que o nascimento das formas inerentemente humanas de inteligência abstrata ocorre na convergência entre a atividade prática e a fala (ROBBINS, 2001), momento em que o biológico encontra-se com o histórico-cultural, passando a ser, daí em diante, sistematicamente subjugado.

Esse momento de entrada do indivíduo na corrente sócio-histórica da linguagem representa o ponto nevrálgico da ideia de mediação na obra de Vygotsky. Holodynski (2013), acerca dessa ideia, afirma que tanto a relação erigida pelo indivíduo com os circuitos sócio-culturais que regulam e edificam o seu meio quanto a relação desse sujeito com a riqueza complexa da sua vida psíquica interior se estabelecem de forma mediata, através de signos coconstruídos no seio de uma cultura. Nesse sentido, a mesma palavra que, em meu encontro com o outro, lhe oferece insumos simbólicos para a construção de representações de significados e sentidos, coordena a trama significativa que se constitui psicologicamente através de diferentes funções mentais como as representações da fantasia ou da memória. Como desdobramentos da categoria de mediação, despontam duas ideias que alicerçam o pensamento vygotskiano, especialmente, no que tange à reflexão acerca de sua teoria das emoções: o significado e o sentido. Nos debruçaremos sobre esses conceitos na seção seguinte.

Significado e Sentido na perspectiva de Vygotsky

Para Vygotsky, a palavra (a linguagem) – signo por excelência – é o instrumento de mediação da vida psicológica com a vida concreta mais importante por permitir, na trajetória do desenvolvimento do indivíduo, um salto qualitativo nas funções psíquicas, configurando o humano como inerentemente sócio-histórico. Nessa relação de mediação entre o mental e o empírico, duas categorias residem no coração do pensamento vygotskiano: as categorias de significado e sentido. Para Silva e Abud (2013), “o significado diz respeito ao sistema de relações objetivas que se forma no processo cultural de desenvolvimento da palavra”. Entendido por essa ótica, o significado representa um construto dialético (não reificado, apesar de dispor de certa estabilidade) do pensamento verbal, um elemento conceitual - fruto de uma generalização socialmente compartilhada. Acerca dessa categoria, Vygotsky (2001b) afirma que “o significado da palavra é, ao mesmo tempo, um fenômeno de discurso e intelectual, mas isto não significa sua filiação puramente externa a dois diferentes campos da vida psíquica” Nesse sentido, o significado, na psicologia vygotskiana, representa a unidade de tangência fundamental entre o discurso (em toda a sua complexidade ideológica e social) e o pensamento, enquanto função mental superior que constitui uma das bases da subjetividade humana.

No entanto, o processo histórico-cultural de convencionalização de significados sociais não ganha cores no mundo real de forma mecanicista. Essa frágil cristalização social e psicológica abarca a complexa dinâmica dialética da construção da subjetividade social

humana: ao mesmo tempo que o indivíduo se apoia nos significados que lhes são culturalmente acessíveis para constituir suas funções mentais superiores, esse sujeito, ativo e criador no mundo, luta para modificar, remodelar ou desconstruir esses significados. Dessa forma, esse processo não é erigido socialmente de forma harmonizada e estável.

Um entendimento contundente acerca dos significados socialmente constituídos e compartilhados, além do seu papel mediador do desenvolvimento humano, nos provê mecanismos teórico-conceituais para tatearmos a complexidade da linguagem nos meandros da subjetividade humana. No entanto, Vygotsky observa que a relação do sujeito com a linguagem transpõe o nível da construção social e psicológica de ideias, representações e categorizações. As palavras, não apenas nos fornecem conceitos sobre o mundo e suas complexas relações; as palavras são sentidas, experienciadas e, de forma mais afetiva, vividas por nós. Por exemplo, ao nos encontrarmos com a palavra *Pai* numa dada situação e ancorados num determinado contexto, efetivamente somos apresentados a uma visão culturalmente hegemônica e outras periféricas do conceito imbuído por essa palavra, que, potencialmente, nos permite gerar imagens e pensamentos acerca desse campanário de ideias em fluxo. Porém, a experiência com essa palavra não termina no âmbito representacional: ouvir a palavra *Pai* me traz memórias do meu pai, me permite fantasiar sobre um mundo vindouro, assim como me faz viver um turbilhão dinâmico e fluido de emoções

O exemplo apresentado nas linhas anteriores lança luz sobre a complexidade da categoria de sentido no pensamento de Vygotsky. O sentido é apresentado como “o agregado de todos os fatos psicológicos que surgem em nossa consciência como resultado da palavra”. (VYGOTSKY, 2001b). Diferente do significado, na perspectiva vygotskiana, o sentido de uma palavra (enunciado) em nossa mente possui uma natureza fundamentalmente deveniente, modificando-se ao sabor dos distintos encontros com o mundo, com nosso corpo ou nossa subjetividade. Contudo, apesar dessa diferenciação, a relação entre o sentido e o significado se constitui de maneira inerentemente imbricada, interdependente e dialética: desprovida da zona do significado, o sentido da palavra morreria dentro do próprio indivíduo, tornando-se socialmente intangível e, conseqüentemente, irrealizável. Vygotsky(1999) debruçou-se sobre essa complexa relação entre o sentido e o significado, referindo-se a ela como o *Problema de Paulhan*. Em um universo artificial apenas conceitual, a palavra seria composta somente pelo significado. “Entretanto, esse significado não é nada além de um potencial que somente pode ser realizado na fala, sendo na fala o significado apenas uma pedra na edificação do sentido.” Dessa forma, podemos perceber que o significado coexiste em dois planos distintos: na realidade social concreta e no nível psicológico do indivíduo. De maneira mais abstrata,

podemos dizer que se trata de um processo de conversão dos significados culturalmente estabelecidos para o plano psicológico que, segundo Leontiev (1975, p. 135) acontece através de um movimento de incorporação pelos significados dos sentidos a eles atribuídos na subjetividade do indivíduo. Assim, torna-se mais saliente a complexidade dialética da relação entre o sentido e o significado: este último (em sua dualidade inerente) permite que o indivíduo compartilhe socialmente seus sentidos (mesmo que muito se perca nas curvas do inefável) através das palavras enquanto, no plano psicológico, representa uma das inúmeras camadas constituidoras do sentido.

A importância da formulação do conceito de sentido na obra vygotskiana reside na possibilidade da formação de um elemento da psique humana denominado por Leontiev(1975) como “sistema dinâmico de sentidos⁴”. Esse sistema representaria o ponto de unidade entre o afeto e as outras funções mentais superiores, atribuindo “um caráter gerador à psique” e reconhecendo “a autonomia relativa das emoções nesses espaços de produção psicológica” (GONZALES REY, 2001, p. 162). Deflagradas essas reflexões, podemos nos debruçar com mais firmeza sobre a teoria das emoções na obra de Vygotsky. Porém, as emoções, apesar de sua importância, constituem apenas uma das funções mentais superiores que, inerentemente imbricada às demais funções, têm sua realidade psicológica e concreta influenciada fundamentalmente pela dinâmica de outros constituintes da subjetividade humana. Portanto, antes de olharmos diretamente para a afetividade no pensamento vygotskiano, cabe aqui tecermos algumas considerações sobre o compêndio de funções mentais do sujeito e sua complexa dinâmica de conexões, tangenciamentos e inter-relações.

Funções mentais superiores: a orquestra da mente humana

Para iluminarmos a complexidade das funções mentais superiores, torna-se imperativo que entendamos a inter-relação entre linguagem e pensamento preconizada por Vygotsky. Conforme aponta Mesquita (2012, p. 810), “o pensamento antecede a linguagem, mas a aquisição desta causa uma mudança profunda naquele”. Da mesma forma, a autora (2012) acrescenta: “o desenvolvimento das funções mentais superiores ocorre através do processo de mediação”. Assim, podemos entender a partir das palavras da autora que é através da mediação da linguagem – permitindo que a criança se integre como sujeito no mundo em sua faceta sócio-histórica – que o indivíduo deixa de ser preponderantemente biológico para tornar-se um sujeito social. O ingresso da criança como agente contundente no mundo que o

⁴ Dynamic system of senses.

envolve marca um momento central no seu desenvolvimento psicológico, proporcionando um salto qualitativo em suas funções mentais, que deixam de possuir um caráter prático e instintivo, tornando-se inter-relacionadas, complexas e integradas sócio-historicamente.

Acerca das funções mentais superiores, Vygotsky (1994, p. 353) as define como “os atributos superiores que são específicos aos humanos⁵”. Para o autor (1994), esses atributos “se manifestam originalmente como formas do comportamento coletivo da criança, como formas de cooperação com outras pessoas, e é apenas depois que eles se tornam funções individuais internas da própria criança⁶”. Como exemplo desse processo, Vygotsky cita o caso da fala: a criança inicialmente adquire a fala como um meio de comunicação com outros indivíduos, um elemento que possui representatividade apenas no nível social concreto. Porém, pouco a pouco, a criança aprende que esse instrumento pode lhe ser útil em seus processos internos - que, não deixando de ser sociais, apenas se desenvolvem no nível psicológico. Com base nessas reflexões, podemos entender com mais clareza a afirmação de Vygotsky (1994, p. 349): “o meio é a fonte do desenvolvimento e não seu cenário⁷”.

Apesar de, em muitos casos, nos referirmos às funções mentais superiores de forma individualizada e analisá-las em suas particularidades, é importante ressaltar que, na concepção de Vygotsky e muitos de seus sucessores, essas funções estão emaranhadas em um sistema em que seu funcionamento, sua dinâmica e, inclusive, sua própria existência apenas se constitui na relação articulada dessas funções entre si. Nesse sentido, o termo função é representativo, considerando que ele destaca o caráter processual e relacional dos constituintes da mente e da subjetividade humana. Em sua obra, Vygotsky não nos ofereceu uma teoria sistematizada da mente humana, em que suas funções estivessem catalogadas e mapeadas topologicamente, especificando suas articulações e pontos de encontro. No entanto, o autor soviético recheou seus textos de reflexões acerca dessa questão que baliza seu pensamento sobre a psique humana. Um dos parágrafos mais citados da obra de Vygotsky apresenta de forma contundente a posição do autor acerca da íntima relação entre as funções mentais:

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, (...)De igual modo, quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente

⁵ Higher attributes which are specific to humans.

⁶ originally manifest themselves as forms of the child's collective behaviour, as a form of co-operation with other people, and it is only afterwards that they become the internal individual functions of the child himself.

⁷ The environment is the source of development, not its setting.

de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra desnecessária e impotente Vygotsky (2001b, p. 25).

Nesse trecho, podemos perceber que Vygotsky rompe com a proposta cartesiana apresentada no início dessa seção de projetar o pensamento e os afetos em níveis diferentes. Como coloca Mesquita (2012, p. 810), “Vygotsky dá à emoção um caráter similar aos processos cognitivos, como constituinte das unidades da psique”. Complementando a colocação da autora: não apenas a emoção (emocionalidade⁸), na perspectiva vygotskiana, configura-se como uma das funções mentais superiores como ela e as demais funções se inter-relacionam de forma complexa e incontrolável, formando um sistema dentro do qual podemos nos referir a unidades (ou instanciações), não a componentes ou elementos.

Da mesma forma como apresentado na citação pertencente à obra *A construção do Pensamento e da Linguagem* (2001b), em inúmeros outros momentos da obra de Vygotsky e seus sucessores, o caráter fundamentalmente inter-relacional das funções mentais superiores é salientado. Magiolino (2010), em sua tese de doutoramento, comenta a indissociabilidade entre o afeto e a representação (p. 77-78), emoção e vitalidade psicológica (p. 145) e o entrelaçamento entre emoção, pensamento e imaginação (p. 106). Na obra *Psicologia da arte* (2001a), Vygotsky comenta a relação de inseparabilidade entre a fantasia e a emoção. Da mesma forma, Outros autores (MESQUITA, 2012; RATNER, 1989; SMAGORYNSKI, 2011) apresentam evidências coerentes acerca do imbricamento constitutivo das funções mentais superiores.

Traçadas algumas linhas sobre alguns aspectos centrais da sistematicidade das funções mentais superiores, podemos nos debruçar sobre as emoções, que, na visão de alguns comentadores da obra vygotskiana, representam a peça mais importante no jogo da subjetividade humana e, indubitavelmente, o interesse central desse artigo.

A teoria das emoções em Vygotsky: uma reflexão inacabada ou inacabável

Conforme apresentado na seção anterior, as funções mentais superiores não se relacionam entre si como uma soma de habilidades da nossa mente ou um grupo de dispositivos. Essas funções constituem uma complexa trama sistemática de inter-relações e conexões. Nesse sentido, podemos perceber que, além das funções mentais não poderem ser pensadas de maneira desentranhada uma das outras, a hierarquia de importância e significação

⁸ Ao fazer referência às emoções enquanto uma das funções mentais superiores constituintes da vida psicológica humana, prefiro utilizar o termo emocionalidade devido ao seu caráter de sistematicidade, inerente à mente humana.

que as inter-relaciona não é um regime igualitário. Essas breves palavras semeiam o terreno para tratarmos do papel desempenhado pela emocionalidade em nossa vida subjetiva. As emoções contornam e transbordam toda a trama funcional da nossa mente, representando, como afirma González-Rey (2001), a função mais importante na constituição da subjetividade humana.

Para Vygotsky, assim como as demais funções mentais superiores, as emoções apresentam uma herança biológica que, porém, é inundada pelo caráter histórico-social das relações instituídas entre o indivíduo e o meio que o envolve. Nesse sentido, mesmo as emoções tidas como instintivas e vinculadas à produção hormonal ou mudanças ocasionadas por órgãos específicos estão mais intimamente relacionadas com a percepção psicológica dessas alterações fisiológicas do que com a mecanicidade desses processos corpóreos. Ratner (1991), em seu livro sobre a obra de Vygotsky, apresenta uma série de estudos que trazem exemplos contundentes dessa soberania do psicológico em relação ao fisiológico. Dentre os exemplos reportados, o autor cita o exemplo da pesquisa realizada por Rosaldo (1984) acerca das diferentes construções e representações da vergonha na cultura japonesa, ocidental e do povo *Ilongot* nas Ilhas Filipinas. O estudo evidencia como a natureza diferente das relações sociais hegemonicamente estabelecidas e culturalmente convencionadas influi diretamente na maneira como a vergonha é experienciada, deixando evidente a ruptura entre os aspectos biológicos e a emocionalidade nos seres humanos.

Essas reflexões encontram ressonância na obra de Vygotsky. O autor soviético se mostra sensível às inerências históricas e culturais na constituição das emoções humanas, como podemos ver no trecho abaixo:

[...] nossos afetos atuam num complicado sistema com nossos conceitos e quem não souber que os ciúmes de uma pessoa relacionada com os conceitos maometanos da fidelidade da mulher são diferentes dos de outra relacionada com um sistema de conceitos opostos sobre a mesma coisa, não compreende que esse sentimento é histórico, que de fato se altera em meios ideológicos e psicológicos distintos apesar de que nele reste sem dúvida um certo radical biológico, em virtude qual surge essa emoção. (VYGOTSKY, 2001b)

Como podemos observar no trecho acima, Vygotsky enfatiza a supremacia dos processos históricos que, ao esculpirem culturalmente relações sociais determinam o sabor e a textura das emoções dos indivíduos nessa cultura envolvidos. Vygotsky (2001b) prossegue sua reflexão dizendo que “as emoções complexas aparecem somente historicamente e são a combinação de relações que surgem em consequência da vida histórica, combinação que se dá no transcurso do processo evolutivo das emoções”. Em outras palavras, podemos dizer que as emoções representam um retrato mutante e culturalmente talhado das relações sociais e dos

processos históricos que impingem determinada sociedade⁹ (ou espaço social) em direção a uma dinâmica de vida com eles acordante.

O fato dos aspectos biológicos ocuparem a posição de coadjuvante na trama das funções mentais superiores, dentre as quais destaca-se as emoções, permite que os indivíduos, enquanto seres histórico-sociais, ressignifiquem sua relação com seu próprio corpo, transformando o organismo em um instrumento psicológico inserido na dinâmica da vida humana através das emoções. Nesse sentido, Vygotsky apresenta uma proposta de entendimento dos afetos que nos permite reconciliar a materialidade do nosso corpo com a complexidade mediada de nossa mente. Outro ponto que Vygotsky desafia em sua teoria é a suposta hierarquização das emoções, a partir da qual determinados afetos seriam entendidos, devido à sua ligação intrínseca com o pensamento, como mais nobres e superiores (como o amor, a piedade e o patriotismo), enquanto outras emoções (mais próximas de nossos instintos viscerais de sobrevivência – medo, fúria, alegria etc.) pertenceriam a uma classe de sentimentos maculada pelos apetites mais baixos. Acerca dessa questão, Vygotsky (1999) assevera que “não existem emoções que, devido a um privilégio de origem, pertençam a uma classe superior e, ao mesmo tempo que outros, por causa de sua própria natureza, seriam inseridos numa classe inferior¹⁰”.

Como coloca Van der Veer (1991, p. 357), algumas questões centrais levantadas por Vygotsky em seu manuscrito sobre *A Teoria das Emoções* (1999) mantiveram-se sem resposta. Essa natureza inacabada da teoria das emoções do psicólogo soviético ensejou uma série de discussões e interpretações por parte de seus sucessores, propondo esquemas teóricos sobre o tema dos afetos que, ancorados na visão de Vygotsky, desenvolvessem essa reflexão a partir do ponto onde o autor soviético parou. Como um exemplo profícuo de um desses desenvolvimentos, podemos apresentar a definição erigida por Leontiev (1975), um dos colegas mais brilhantes de Vygotsky, acerca do fenômeno psicológico das emoções. Segundo Leontiev (1975), “o traço especial das emoções é que elas refletem relações entre motivações (necessidades) e seu sucesso, ou a possibilidade de sucesso, de realizar a ação do sujeito que

⁹ Apesar de Vygotsky não preocupar-se (ou não ter tido tempo para tanto) em seus textos, a sociedade não pode ser entendida como uma massa amorfa e homogênea, na qual, a dinâmica das relações sociais e históricas transcorre de forma padronizada. Os tipos de relações sociais hegemônicas em distintos campos sociais (campo acadêmico, bancário ou jurídico, por exemplo) ou espaços sociais (a favela, a zona rural, a periferia, o bairro industrial etc.) podem ser estruturalmente diferentes, apesar da inegável conexão entre esses distintos modos de viver historicamente concretizados.

¹⁰ No feelings exist which, because of privilege of origin, would belong to a higher class while others, by their nature, would be placed in the lower class.

responde a essas motivações¹¹”. Em seguida, o autor continua: “Assim, elas (as emoções) aparecem como uma atualização de uma motivação (necessidade) e perante uma avaliação racional realizada pelo sujeito de sua atividade¹².” Para Leontiev, as emoções transformam em realidade, tanto no nível concreto (comportamental e fisiológico) quanto no nível psicológico, as motivações e necessidades (constituídas a partir das relações sociais e dos processos mentais em que o sujeito é participante ativo) que impingem um sujeito à ação, assentando-se no juízo intelectual (onde diversas funções mentais superiores entrelaçam-se) acerca da possibilidade de concretização bem-sucedida dessa ação no mundo. Naturalmente, o repertório avaliativo do qual o sujeito lança mão no processo da gênese das emoções é uma parte constituinte das funções mentais superiores que, por sua vez, é uma internalização da complexa trama histórico-cultural de relações sociais que erigem o meio onde o indivíduo está situado. Nesse sentido, podemos destacar dois pontos centrais no entendimento de Leontiev sobre as emoções. Primeiramente, a ideia de uma ação avaliativa racional no seio das emoções, ou seja, toda emoção, em sua gênese, é balizada por um julgamento de valor que entrelaça a realidade psicológica do sujeito com a realidade social concreta que o rodeia. Da mesma forma, as emoções implicam uma reorganização da energia psíquica (que pode converter-se quimicamente em energia fisiológica), cujo elemento controlador é justamente a avaliação intelectual do ambiente de sentidos (no campo psicológico) e processos sociais (no nível concreto) que orientam a ação do sujeito. Ambos os pontos estão alicerçados sobre o terreno do entendimento das funções mentais superiores (dentre elas as emoções) como uma complexa trama psíquica que internaliza no nível psicológico o drama da vida humana.

O conceito de *Perezhivanie*: um caminho para pensar as emoções

Talvez um dos conceitos mais importantes construídos por Vygotsky, *Perezhivanie* desponta como uma das grandes contribuições da obra de Vygotsky às nossas reflexões contemporâneas. Tomado por uma nebulosidade característica da obra vygotskiana e ainda tornado mais turvo pela ausência de uma sistematização clara, *Perezhivanie* tem sido uma ideia pouco explorada pelos interessados na herança de Vygotsky, apesar de sua riqueza e relevância no campo dos estudos sobre os afetos. Traduzido no ocidente como experiência emocional¹³, *Perezhivanie* é um conceito presente na tradição eslava, fato que sugere um

¹¹ The special feature of emotions is that they reflect relationships between motives (needs) and success, or the possibility of success, of realizing the action of the subject that responds to these motives.

¹² Thus they appear as a result of actualization of a motive (need), and before a rational evaluation by the subject of his activity.

¹³ Tradução apresentada em inglês como *emotional experience*.

diálogo entre a apropriação feita por Vygotsky do termo e interpretações de outros autores. Um dos usos mais famosos dessa ideia foi feito pelo dramaturgo russo Stanislavsky, correlacionando a experiência emocional dramática vivida pelos seus atores no palco com alguma experiência pessoal rememorada pelo mesmo ator durante sua atuação. Como já observado nas palavras de Stanislavsky, a ideia de *Perezhivanie* está intimamente ligada ao conceito de experiência. Segundo González-Rey (2001), “experiência é a forma subjetiva de viver a realidade concreta”. A experiência preconiza uma relação dialética entre o sujeito, nos meandros de sua subjetividade interior, e o mundo que colore sua experiência. Nesse sentido, a experiência está invariavelmente relacionada a uma perspectiva, um olhar idiossincrático do mundo que, no entanto, revela mais sobre o sujeito que vê do que sobre o mundo que é visto. Vasilyuk (1991) entende a experiência de forma ativa, como uma ação do sujeito no mundo que o rodeia. O psicólogo russo se insurge contra uma visão de experiência como um acidente mental, um evento que se estabelece na psique do indivíduo, no qual a mente desempenha um papel secundário de cenário que hospeda representações subjetivas de fenômenos. Para o autor (1991), experienciar é “um tipo de trabalho especial, reconstrutor do mundo psicológico e direcionado na direção do estabelecimento de correlação entre consciência e existência nos termos de significado¹⁴”. Assim, experienciar é uma necessidade vital da subjetividade humana de atribuir significado à sua existência física a partir da construção de sentidos no campo psicológico. Para concretizar essa ação, todas as funções mentais superiores atuam de maneira inter-relacionada. No entanto, dependendo da natureza experiencial de cada situação, determinadas funções mentais se movem para o centro dos holofotes enquanto outras tornam-se coadjuvantes – ou, como coloca Vasilyuk (1991, p. 30), “na produção da experiência, a companhia teatral inteira das funções mentais é trazida ao palco, mas, em cada peça, uma função se torna protagonista, carregando sobre si o fardo mais pesado no trabalho de experienciar¹⁵”.

Outra ideia que dialoga com o entendimento de Vasilyuk acerca do caráter ativo da experiência é a relação estabelecida por Marx acerca da natureza duplicada da experiência da ação humana no mundo. Segundo Magiolino (2010, p. 146), “a partir de Marx, Vygotsky postula que o resultado do trabalho existe idealmente antes do mesmo. Há um planejamento e, nesse sentido, uma duplicação da experiência no trabalho humano”. Essa reflexão de

¹⁴ a special kind of work reconstructing a psychological world and directed towards the establishment of correlation between consciousness and existence in terms of meaning[...]

¹⁵ in the productions of experiencing the whole theatre company of mental functions is usually brought on stage, but in each play one function performs the leading part, taking upon itself the lion’s share of the work of experiencing[...].

Vygotsky, além de evidenciar a natureza ativa da experiência, ressalta a conexão do ato individual e subjetivo de experienciar com os processos históricos-relacionais que vinculam inerentemente o indivíduo ao mundo, tanto no campo psicológico da experiência quanto na materialidade social do trabalho.

Lançada luz sobre o conceito de experiência, podemos nos debruçar sobre um tipo especial de experienciar: a *Perezhivanie*. Para Vygotsky, essa ideia pode ser entendida como a possibilidade de um indivíduo (ou vários) experienciar(em), ou (num sentido mais profundo) viver(em), a mesma situação, objetivamente observada, de maneiras distintas. O conceito de *Perezhivanie* possui uma importância vital para entendermos a trajetória de desenvolvimento das funções mentais superiores (dentre elas a emoção) e de toda a subjetividade do indivíduo. Como coloca Vygotsky (1994, p. 340), ao tratar da questão do desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores na criança, não são os fatores do ambiente de forma isolada que determinarão como se dará a influência no processo de desenvolvimento, “mas serão os mesmos fatores refratados através do prisma da experiência emocional (*Perezhivanie*) da criança¹⁶”. Dessa forma, são as estruturas psicológicas internas idiossincráticas dos sujeitos de cada experiência em relação inerente com as singularidades relativas aos mais distintos ambientes e as relações sociais estabelecidas no seio de cada encontro do indivíduo com o mundo que compõem a pedra fundamental de cada experiência.

Segundo a leitura de Ferholt (2009, p. 4) uma característica central do conceito de *perezhivanie* é o seu aspecto holístico, cuja proeminência pode ser observada quando Vygotsky afirma que “numa experiência emocional (*perezhivanie*) estamos sempre lidando com uma unidade indivisível de características pessoais e características situacionais”. Pautada nessa citação, Ferholt (2009, p. 4) afirma que “*perezhivanie* retém as características inerentes ao todo, assim permitindo a análise através de unidades ao invés de elementos”. O termo unidade, na visão vygotskiana, deve ser entendido como a menor forma de instanciação de um fenômeno sócio-psicológico. Nesse sentido, *perezhivanie* é um momento em que se realiza simultaneamente de forma concreta e psicológica um encontro entre o sujeito e o mundo que, dialeticamente, lhe oferece insumos para balizar sua constituição (constituição da sua subjetividade). Nesse encontro, para usar uma expressão tradicional de Marx, o indivíduo é ator e escritor de sua história, ou seja, ele ou ela tem seus movimentos norteados pelo repertório de possibilidades que o mundo desvelado perante seus olhos o (a) oferece. No entanto, esse indivíduo possui ferramentas subjetivas para modificar, transpor, remodelar ou

¹⁶ but the same factors refracted through the prism of the child's emotional experience (*perezhivanie*).

subverter fundamentalmente essa realidade concreta experienciada. Entretanto, é preciso destacar que, antes de qualquer ato criativo do indivíduo no mundo real, essa ação é construída e experienciada pelo sujeito na sua mente.

Vygotsky ressalta que, ao buscarmos analisar a *perezhivanie* de um determinado indivíduo, é imperativo que entendamos que as instâncias sociais e subjetivas estão invariavelmente abraçadas em um laço inquebrantável. Da mesma forma, torna-se impossível compreendermos a cognição sem considerar os componentes afetivos que a norteiam, ou debruçar-se sobre a constituição do pensamento sem considerar a linguagem e seus matizes discursivos. Essa constatação evidencia a complexidade da construção das experiências humanas, que se distancia de uma concepção dicotomizante – ancorada em oposições como afeto / cognição, pensamento / linguagem e individual / social – e aproxima-se do entendimento desse fenômeno como um complexo mosaico de processos sócio-mentais que se relacionam dialeticamente de forma contínua.

Um exemplo representativo de entendimento deste conceito é trazido pelo próprio Vygotsky (1994), relatando o caso de três crianças encaminhadas ao seu consultório. Expostos à mesma situação traumatizante (o convívio com a mãe e seus problemas de dependência alcoólica), cada uma das crianças desenvolveu um comportamento diferente em relação àquele contexto social. A partir dessa resposta inesperada, evidenciou-se a possibilidade de cada indivíduo experienciar o mesmo acontecimento a partir de lentes subjetivas únicas, construídas com base nas suas estruturas psicológicas superiores singulares e em sua trajetória sócio-histórica. Assim, caracteriza-se uma diferença fulcral, na perspectiva vygotskiana, entre a situação idealmente observada por um terceiro ideal e a experiência real vivida pelo indivíduo.

Cada experiência emocional condensa e erige um conjunto de características afetivas que exercerão influência na configuração das futuras *perezhivanija*¹⁷, traçando um rastro experiencial. Assim, Vygotsky(1994) entende que o ambiente social, apesar de apresentar-se de modo concreto perante nossos olhos, “sempre é representado em uma dada *Perezhivanie*¹⁸”, cuja base constitutiva reside numa trajetória histórica de *perezhivanija* que a antecederam e contribuem para a formação da subjetividade do indivíduo. Nesse sentido, a experiência emocional relaciona-se umbilicalmente com o processo de desenvolvimento, entendido na perspectiva dos quatro planos genéticos propostos por Vygotsky: filogenético, ontogenético, sociogenético e microgenético (OLIVEIRA, 1992). Portanto, no momento em

¹⁷ Plural de *Perezhivanie*.

¹⁸ Is always represented in a given *Perezhivanie*.

que nos debruçamos de forma investigativa sobre uma determinada experiência, torna-se imperativo relacioná-la ao estágio de desenvolvimento do indivíduo, considerando as quatro frentes propostas pelo pensamento vygotskiano.

Considerados os entendimentos erigidos a respeito da ideia de *Perezhivanie* na obra de Vygotsky, torna-se salutar observarmos a posição especial ocupada pelas emoções em meio às demais funções mentais que estruturam e impingem a vida psicológica do indivíduo. Compreendendo o desenvolvimento humano (especialmente no campo da microgênese) como balizado por uma trajetória de experiências subjetivas, é necessário salientar que o indivíduo possui uma postura psicológica ativa, ou seja, ele (ela) se configura como um sujeito experienciador e não uma vítima da experiência. Assim, cada experiência é idiossincrática porque cada encontro com o mundo é sentido de forma diferente e esse sentimento, em suas complexas inter-relações na rede de funções mentais superiores pode provocar uma infinidade de processos subjetivos: um encontro entristecedor pode despertar memórias nostálgicas, guiar a imaginação por caminhos de amargura, nos estimular a pensar estratégias para superar essa tristeza, construir um solilóquio mental onde nos perguntamos a razão desse penar, além de outras incontáveis possibilidades de inter-relações entre essas funções da nossa psique.

Como apresentado na seção anterior, para Leontiev (1975), as emoções se instituem sobre duas características centrais que se entrelaçam inseparavelmente com a subjetividade de cada experiência: uma natureza avaliativa e redistributiva da energia psíquica. Nesses dois pontos residem o caráter especial das emoções na trama das funções mentais subjetivas, uma vez que é justamente na capacidade humana de tecer juízos sobre suas experiências que se estabelece sua agência e sua criatividade. Nosso juízo é, fundamento central de todas as emoções, que nos permite construir sentidos no nível subjetivo a cada passo dado no mundo: o sabor amargo de uma experiência dolorosa ou a beleza de uma experiência sublime são decorrência da nossa agência, que configura nosso momento de intromissão psicológica no jogo social do qual participamos. É a partir dessa ação de nossa subjetividade de avaliar que mobilizamos a energia psíquica (que, conseqüentemente, converte-se em energia fisiológica) para agir concretamente no mundo. Diferentemente do que pensava o racionalismo cartesiano, a volição não existe apenas no campo espiritual, porque um julgamento subjetivo não é apenas uma manobra moral, mas é também um sentir: olhar para um encontro com o mundo, que concentra em si um compêndio de relações sociais, e entendê-lo como positivo não se resume a uma constatação; incita alegria, júbilo e prazer. Esse entendimento que escapou ao mecanicismo de Descartes e de seus muitos seguidores. Preocupados em desenhar fronteiras e erigir taxonomias, esses pensadores não perceberam que tais divisas são apenas uma ilusão

criada pela natureza categorial dos termos - que não encontram apoio na complexidade da vida humana, tanto no campo social quanto na esfera mental. Portanto, as reflexões aqui expostas justificam o interesse crescente acerca dos afetos: alumando as emoções, clareamos o nebuloso terreno da natureza inerentemente criadora e ativa do ser humano ou, em outras palavras, nos aproximamos de entender um pouco mais o que torna a experiência da vida humana um fenômeno tão singular e encantador.

Considerações Finais

Balizados pelos entendimentos apresentados nas páginas anteriores, podemos perceber a natureza interdisciplinar das reflexões de Vygotsky acerca da complexa trama subjetiva da mente humana, oferecendo insumos teóricos para a construção de diálogos entre distintas áreas do conhecimento como a Psicologia, a Fisiologia, a Pedagogia, a História, a Filosofia e, certamente, a Linguística Aplicada. Como coloca Moita Lopes (2013, p. 18), “é muito mais fácil seguir por caminhos cristalizados com um roteiro específico do que é fazer pesquisa do que perscrutar sempre conhecimentos de outras áreas que possam iluminar sua investigação”. No entanto, esse medo da instabilidade dos territórios desconhecidos impede que as reflexões avancem para além dos limites dos departamentos e cátedras. Nesse sentido, a Linguística Aplicada no Brasil, considerando sua inclinação ao diálogo (MOITA LOPES, 2013), possui em mãos um potencial de construir investigações ancoradas em uma miríade de perspectivas dialógicas, enriquecendo discussões sobre temas sensíveis e, com sorte, incentivando outros campos da ciência a seguirem pelo mesmo caminho.

Na historiografia platônico-cartesiana do pensamento, as emoções foram tratadas antes como problemas a serem resolvidos do que fenômenos a serem estudados. Desde atos pecaminosos até manifestações patológicas da psique - no seio do pensamento essencialista, o posto mais honroso ocupado pelos afetos foi o de apêndice inútil e involutivo do corpo humano. Porém, ao lado dessa tradição dominante, segue uma outra corrente clandestina (e muitas vezes marginalizada) que mira as emoções com olhos mais sensíveis. Heráclito, Nietzsche, Freud e Vygotsky foram alguns dos pensadores que, cada um à sua maneira, concederam às emoções um estatuto privilegiado em suas obras. Recentemente, temos observado uma leve mudança de rumos na trajetória hegemônica das investigações sobre os afetos. Ainda que de forma tímida e, muitas vezes, vacilante, as emoções vêm ganhando espaço no pensamento contemporâneo. Além da formação de grupos de pesquisa e produção de artigos sobre o tema, os trabalhos produzidos têm, cada vez mais, respeitado a complexidade das emoções, esquivando-se de simplificações engessadoras. Com o presente

trabalho, busquei dar uma contribuição nessa direção. Espero que esse artigo, ao oferecer um olhar sobre a obra de Vygotsky (em especial, sua visão sobre as emoções) e apontar os caminhos ainda não satisfatoriamente explorados, possa alicerçar outras pesquisas que atribuam aos afetos, em seu diálogo inerente com toda a orquestra da nossa subjetividade, a mesma importância a eles concedida pela obra vygotskiana: uma das bases psicológicas centrais para a constituição da experiência e da vida humana no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMON-JONES, C. The thesis of Construcionism. In: R. Harre (Ed.) **The social construction of emotions**. New York: Blackwell, 1986. Chapter 3.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

BARBOSA, S. M. A. D.; BEDRAN, P. F. Discurso e relações de poder na (re)construção da identidade profissional de professores de língua em uma comunidade de prática no ambiente digital. **Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 15, p. 117-117, 2016.

BARCELOS, A. M. F.; COELHO, Hilda Simone Henriques. Language Learning and Teaching: What love's got to do with it? In: MACINTYRE, Peter; GREGERSEN, Tammy; MERCER, Sarh. (Orgs.). **Positive Psychology in SLA**. 1. ed. New York: Multilingual Matters, 2016, v. 1, p. 130-144.

COSTAS, F. A. T.; FERREIRA, L. S. Sentido, significado e mediação em Vygotsky para a constituição do processo de leitura. **Revista IberoAmericana de Educacion**, n.º 55 (2011), p. 205-223

FERHOLT, B. **Adult and child development in adult-child joint play: the development of cognition, emotion, imagination and creativity in playworlds**. 2009. Dissertation (Doctor of Philosophy in Communication) – University of California, San Diego, 2009.

GONZALEZ-REY, F. El lugar de las emociones em la constituición social de lo psíquico: el aporte de Vigotski. **Educação & Sociedade**, 70, 2001. p. 132-148.

HOLODYSKI, M. The Internalization Theory of Emotions: A Cultural Historical Approach to the Development of Emotions. In: **Mind, Culture, and Activity**, 20: 4–38, 2013.

LEONTIEV, A. N. **Activity, consciousness, and personality**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1975.

LURIA, A. R. **The making of mind: A personal account of Soviet psychology**. M. Cole & S. Cole (Eds.). Cambridge, MA: Harvard University Press. 1979.

MACHADO, L. V.; FACCI, M. G. D.; BARROCO, S. M. S. Teoria das emoções em Vigotski. *Psicol. estud.* [on-line], vol. 16, n. 4, 2011. p. 647-657. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722011000400015>>. Acesso em: 5 dez. 2016.

MAGIOLINO, L. L. S. **Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento**: Um estudo teórico da obra de Vigotski. (Tese de Doutorado não publicada). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP, 2010.

MESQUITA, G. R. Vygotsky and the Theories of Emotions: in search of a possible dialogue. **Psicologia**: Reflexão e Crítica, v. 25, n. 4, p. 809–816, 2012. Disponível em: Acesso em: Dezembro de 2016.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: _____. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 13-43.

_____. Introdução. Fotografias da Linguística Aplicada brasileira na modernidade: contextos escolares. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Linguística aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. 1. ed. São Paulo: Parábola, p. 15-38, 2013.

OLIVEIRA, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky. In: LA TAILLE, Y. (Org.) **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. p. 75-84.

RAJAGOPALAN, K. Política de ensino de línguas no Brasil: história e reflexões prospectivas. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Linguística aplicada na modernidade recente**: festschrift para Antonieta Celani. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013. p. 143-161.

RATNER, C. A Social Construcionist Critique of Naturalistic Theories of Emotion. **Journal of Mind and Behavior**, 10, 1989. p. 211-230.

_____. **Vygotsky's sociohistorical psychology and its contemporary applications**. New York: Plenum. 1991.

ROBBINS, D. **Vygotsky psychology – philosophy**: a metaphor for language theory and learning. New York: Kluwer academic / Plenum publisher, 2001.

ROSALDO, M. Z. Toward an anthropology of self and feeling in *Culture theory: essays on mind, self, and emotion*, R. Shweder and R. LeVine (eds.), 1984. p. 137-157.

SAWAIA, B. B. A emoção como locus de produção do conhecimento – Uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa. In: **III Conference for Sociocultural Research**, Campinas – Unicamp, 2000.

SILVA, E. R.; ABUD, M. J. M. Lembranças afetivas das primeiras experiências discentes. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 42 (2): p. 692-704, maio-ago 2013.

SILVA, F. V.; BARBOSA, M. S. M. F. Até que o ghosting os separe: a produção de subjetividade em discursos sobre o amor virtual. **Calidoscópio**, Vol. 14, n. 2, p. 265-275, mai/ago 2016.

SMAGORINSKY, P. Vygotsky's Stage Theory1: The Psychology of Art and the Actor under the Direction of *Perezhivanie*. *Mind, Culture, and Activity*, 18: 319–341, 2011.

SOLOMON, R. C. Getting angry. In: R. Swreder and R. LeVine (Eds.), **Culture Theory**. New York: CAMBRIDGE University Press, 1984. Chapter 9.

VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. **Understanding Vygotsky: A quest for synthesis**. Oxford: Blackwell. 1991.

VASILYUK, F. (1988). **The psychology of experiencing**. Moscow: Progress. 1984.

VYGOTSKY, L. S. The teaching about emotions. Historical-psychological studies. **In The collected works of L. S. Vygotsky** (Vol. 6: Scientific Legacy) (R. Rieber, Ed.; M. J. Hall, Trans.; p. 71–235). New York: Plenum. 1999.

_____. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. The problem of the environment (T. Prout, trad.). In: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (Eds.). **The Vygotsky reader**. Oxford, UK: Blackwell. 1994. p. 338-354.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

_____. **Teoría de las emociones** – Estudio histórico-psicológico. Madrid: Ediciones Akal, 2004.